

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOTERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

Presente-ausente: o negativo e a transmissão psíquica

Aluno: Elismara Marques Rosa

Orientadora: Cristina Ribeiro Dantas

ELISMARA MARQUES ROSA

Presente-ausente: o negativo e a transmissão psíquica

MONOGRAFIA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicoterapia de Família e Casal.

Orientadora: Professora Cristina Ribeiro Dantas

Professora: Célia Henriques

Rio de Janeiro

Novembro de 2017

Aos meus antecedentes imigrantes poloneses e portugueses, aos meus avós, pais e irmãos que carregam comigo heranças preciosas e ao meu marido que compartilha desse caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Cristina Ribeiro Dantas, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e pela incansável determinação.

Agradeço à Professora Célia Henriques, pela sensibilidade na supervisão dos casos clínicos, com quem aprendi que “é possível”.

À minha analista, Eliane Augustinis, que lapida esse metal bruto que é o inconsciente.

Às amigas Cláudia Pinna e Gisele Falcão que levo como herança para vida, com quem compartilhei angústias, risos e muitos brindes... à vida!

À Camila Alencar e Márcia Helena de Souza, minhas co-terapeutas, pelos momentos que passamos juntas na clínica.

Aos professores desta especialização pela transmissão do conhecimento.

Aos colegas de turma, que deram sentido ao curso.

Muito obrigada!

Marques-Rosa, Elismara. Presente-ausente: o negativo e a transmissão psíquica. Rio de Janeiro, 2017. 29 p. Monografia – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os aspectos do trabalho do negativo na transmissão psíquica geracional. Tomando por base o conceito de negativo em André Green, apontando tanto para seus aspectos patológicos como estruturantes, considerando estruturante o objeto que se deixa apagar. Pensando na transmissão transgeracional de conteúdos não elaborados, os quais são transmitidos os lutos, segredos, mitos e não-ditos, verificaremos a possibilidade de uma transmissão patológica de conteúdos negativados através de pactos denegativos, telescopagem de gerações e delírio como herança psíquica.

Palavras-chave: negativo; trabalho do negativo; transmissão psíquica; herança psíquica.

ABSTRACT

The objective of this paper is reflect on aspects of the work of negative on the generational psychic transmission. Based on the concept of negative by André Green, pointing to both the pathological and *structuring aspects*, considering structurally the object that allow itself erase. Thinking about the transgenerational transmission of unprocessed contents, which are transmitted mourning, secrets, myths and the non-saying, we will verify a possibility of pathological transmission of negative contents by denigrating pacts, generation telescoping and delirium as psychic inheritance.

Key-words: negative; work of negative; psychic transmission; psychic inheritance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. O CONCEITO DE NEGATIVO.....	10
2.1. Breve percurso na biografia de André Green.....	10
2.2. O conceito de trabalho do negativo.....	13
2.3. Algumas considerações sobre o negativo em Freud.....	15
3. A TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES.....	20
3.1. O conceito de transmissão psíquica.....	20
3.2. A possibilidade de patologia transmitida através do trabalho do negativo.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1

Introdução

Antes mesmo do momento da concepção do sujeito é criado, no psiquismo dos pais, um espaço para o bebê (Zornig, 2010). Segundo Meyer (2002) "o casal recém-formado é de fato o 'veículo de transporte' das expectativas e necessidades que foram cunhadas em uma situação ancestral. Em outras palavras, a família nuclear começa já 'hipotecada' à família extensa" (p. 15). Desse modo é possível afirmar que há sempre uma transmissão deslizando de uma geração para outra, pois repassamos geracionalmente a língua materna, costumes, tradições, segredos e mitos familiares. A família constitui-se como lugar de transmissão de expectativas, de realização de desejos insatisfeitos dos pais e núcleo da transmissão do negativo.

A descoberta do inconsciente por Freud e sua pesquisa sobre a etiologia das neuroses, elucidaram que elas decorriam dos processos inconscientes recalçados, de conteúdos negativados do consciente. Sabemos através de Freud que existem três estruturas possíveis para o psiquismo: neurose, psicose e perversão. Na neurose, encontramos o recalque como mecanismo de defesa, "sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência" (Freud, 1915, p.85). Na psicose, o mecanismo de defesa é a forclusão, o sujeito rejeita a castração e permanece com o inconsciente a céu aberto. Na perversão, o mecanismo de defesa é o desmentido, o sujeito sabe da castração, mas a desmente através de um objeto fetiche. O recalque, a forclusão e o desmentido são representações do negativo no psiquismo, esse último, tema que fundamenta a teoria de André Green no que se refere ao negativo como estruturante psíquico.

Partindo do trabalho do negativo efetivado na transmissão psíquica, propomos, no segundo capítulo, um estudo da biografia de André Green. Pensamos na importância do estudo de sua organização familiar e a articulação com os conceitos desenvolvidos em sua obra. Esse autor, considerado por muitos 'pai da psicanálise contemporânea', deixa no seu legado estudos sobre a clínica-limite e a clínica do vazio, destacando no trabalho do negativo a importância da ausência como função estruturante e o contraponto de manifestações excessivas como patológico. Para Green, quanto mais o objeto se apaga, mais exerce suas

funções constitutivas. É justamente na falha do objeto, na ausência, no fracasso, que o trabalho do negativo opera, abrindo espaço para o campo da simbolização, para a criatividade e fazendo do negativo estruturante psíquico.

Ainda no segundo capítulo retomamos textos clássicos da obra Freudiana como: “Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos” (1917 [1915]), “Luto e Melancolia” (1917 [1915]), “Mais além do princípio do prazer” (1920) e “A Negação” (1925). Textos em que Freud discorre sobre a importância do objeto e sua perda, retratando o objeto negativado, a compulsão à repetição que é sempre uma pulsão de morte e a falta de registro negativo no inconsciente. Textos que foram fontes de pesquisa que levaram Green a desenvolver sua teoria sobre o negativo.

No terceiro capítulo veremos a possibilidade de existência de patologia no trabalho do negativo articulado à transmissão psíquica. Assim, partiremos de René Kaës (2001), primeiro autor que desenvolve um estudo sobre a transmissão psíquica entre gerações e sua contribuição sobre o negativo na transmissão psíquica geracional, herança essa marcada pela impossibilidade de representação. Pensando na transmissão transgeracional de conteúdos não elaborados, o qual são transmitidos através das gerações os segredos, mitos e não-ditos, verificaremos a possibilidade de uma transmissão patológica de conteúdos negativados. Garcia (2010) pontua que o que se transmite entre gerações é o que ficou esvaziado de significação, permanecendo fora da corrente do pensamento. Outro conceito de suma importância para o trabalho do negativo na transmissão psíquica, cunhado por Haydée Faimberg (2001), é o da telescopagem de gerações, em que o trabalho do negativo se faz presente na superposição de conteúdos psíquicos de uma geração para outra, sem espaço psíquico para ausência, elaboração e diferenciação.

O estudo do conceito de negativo em André Green pretende compreender o que há de promotor de saúde na ausência e, articulado com a transmissão geracional, levanta a possibilidade de patologias transmitidas através da falta de representação, da não elaboração, da falta de simbolização de lutos, segredos e mitos familiares. A elucidação desse conceito pode nos auxiliar numa escuta

clínica afinada, proporcionando no trabalho com as famílias a elaboração dessa herança psíquica não representada.

Na clínica nos deparamos com a fala vazia, com a impossibilidade de colocar em palavras algo de um sentimento que não se traduz, do impossível de representar e significar. O estudo apresenta relevância na medida em que poderá possibilitar uma escuta clínica voltada à compreensão do trabalho do negativo e o que esse representa na transmissão psíquica entre gerações.

2

O conceito de negativo

2.1.

Breve percurso na biografia de André Green

O conceito de negativo está entrelaçado na história de André Green e, para desenvolver seu pensamento, Green se debruçou numa leitura minuciosa da obra de Freud, instigado na época, pelos seminários na escola de Lacan, que frequentava em 1958. Faremos um breve apanhado na biografia de Green para elucidar a construção de seu pensamento e o interesse pelo negativo.

André Green nasceu em 12 de março de 1927 no Cairo, Egito. Filho de pais judeus, mãe de origem espanhola e pai de origem portuguesa, que há muito haviam se instalado no Egito. Green foi criado numa comunidade européia, principalmente francófona, onde concluiu seus estudos no liceu francês do Cairo. A transferência estabelecida com a França foi-lhe transmitida ainda no ventre de sua mãe, que o carregava na barriga, enquanto fazia viagens consecutivas a Paris, para tratar da tuberculose óssea que sofria sua irmã 15 anos mais velha. Na estrutura familiar, Green foi o quarto filho nascido tardiamente, se descrevendo como a última roda da carruagem familiar. Em sua autobiografia “Um psicanalista engajado” (1994), Green relata:

“Era o quarto de uma fratria já constituída no momento de meu nascimento [...]. A crônica familiar já havia sido vivida, eu mesmo não estando nela associado. Sou uma espécie de rebento tardio que não tem a sensação de ter conhecido condições familiares comuns [...]. Sou também o filho de pais idosos para quem a vida de uma criança, sua chegada não foi vivida com curiosidade do que é novo [...]. A criança que fui certamente compreendeu que era preciso contar consigo mesmo e apenas consigo” (Duparc, 2000, p. 10).

Os conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Green ao longo de sua vida nos levam a articular com sua história familiar. Os períodos prolongados de seus pais na França devido à internação de sua irmã doente foram os motivos da ruína de seu pai, que negligenciou seus negócios no Egito para permanecer ao lado de sua mãe. A morte da segunda irmã em um acidente, quando Green completara dois anos de idade, acarretou a entrada da mãe num quadro depressivo, o que

possibilita a origem e interesse no desenvolvimento do seu trabalho sobre *A mãe morta* (Narcisismo de vida, narcisismo de morte, 1980).

Quando datava seus catorze anos, Green perdeu o pai e carregou consigo um dito com o qual o pai respondia as suas questões: “você compreenderá mais tarde”. O que na época o deixava irritado serviu de impulso para suas pesquisas e sua extrema independência perante seus mestres. Com dezoito anos teve seu primeiro contato com a psicanálise, durante as aulas de filosofia onde conheceu uma jovem professora, Lydia Harari. Foi com Lydia que iniciou aulas particulares para a leitura de Freud: “a relação particular que tive com essa jovem que me iniciou em Freud, diz ele, abriu-me o espírito e apaixonou-me” (Duparc, 2000, p.12).

Em 1946, aos dezenove anos, deixou o Egito e partiu para a França, sendo esse o último momento em que viu sua mãe, que faleceu três anos mais tarde. Nesse momento, no período pós-guerra, Green se encontrou sozinho em Paris, sem familiares e amigos, rejeitado pela medicina. O desejo de cursar psiquiatria o fez suportar esse período e, no terceiro ano do curso, iniciou um estágio em psiquiatria infantil no Hospital Psiquiátrico Saint-Anne em Paris, quando teve seu primeiro contato com Lebovici e passou a interessar-se por psicologia.

Em 1953, Green inicia seus estudos em psiquiatria, momento descrito em sua autobiografia como “o ano de seu nascimento!”. Ao participar do sindicato dos psiquiatras, Green auxilia na elaboração do “Livro Branco da Psiquiatria”, que originou na França o movimento de separação entre a psiquiatria e a neurologia. O trabalho no hospital Saint-Anne, um lugar de encontros e trocas intelectuais, além de favorecer o surgimento de novas amizades, também possibilitou o seu reencontro com a psicanálise.

Na psiquiatria, Green não seguiu como o esperado. Sua visão humanista com abordagens da filosofia, fenomenologia, psicologia, sociologia, teatro e mitologia o impediram de seguir o movimento psiquiátrico iniciado por Henri Ey. Green não seguiu a carreira universitária dentro da psiquiatria, pois tinha aversão aos espólios de seus trabalhos, como aconteceu em sua tese “*La famille des schizophrènes*”, onde seu nome constou por último na publicação. Green se recusava a repetir o dito de seu pai: “você compreenderá mais tarde”, como foi

repetido pelos chefes da psiquiatria. Seu caráter independente o fez trilhar um caminho na psicanálise.

Um dos diferenciais de André Green na elaboração de sua obra é ter reconhecido as influências que marcaram sua carreira. A mais importante delas, no campo da psiquiatria, foi Henri Ey, a quem Green considerava como um substituto paterno: “com Henry Ey tive o que me faltou com meu pai, a possibilidade de discutir e trocar pontos de vista” (Duparc, 2000, p.19). Talvez o seu interesse pelo trabalho do negativo, da alucinação negativa e da psicose branca tenham surgido das discussões com Henri Ey. Com a morte de Ey, em 1989, seus últimos laços com a psiquiatria se desfizeram, e Green pôde construir uma abordagem psicanalítica sobre o negativo.

O ano de 1953 não foi um marco somente na vida de André Green, mas também na história da psicanálise na França. Neste ano houve a cisão de Lacan com o resto da Sociedade Psicanalítica de Paris – SPP, berço da psicanálise na França, fundada por Marie Bonaparte com o aval de Freud. Seguindo sua veia independente, Green associa-se à SPP, mas não deixa de frequentar os seminários de Lacan durante um período de sete anos, de 1961 a 1967. Em 1967 inicia seu próprio seminário no Instituto de Psicanálise de Paris, acentuando o pensamento de opostos, após conhecer o trabalho de Winnicott, que lhe causou grande impacto por sua humanidade. Winnicott desempenhará um papel importante nos estudos sobre estados-limite e, no encontro com Bion, seus estudos sobre o pensamento e a psicose influenciarão seus trabalhos bem mais do que Lacan pôde influenciar.

Na década de 70, Green dedica seus estudos às estruturas clínicas limítrofes (borderline). Pensar nas estruturas limítrofes fez Green elaborar novos conceitos e variações na técnica. Suas principais obras são: “O discurso vivo”, “La folie privée” (1990), “Narcisismo de vida, narcisismo de morte” (1980), “O trabalho do negativo” (1993), “Le tempseclaté”, “Orientações para uma psicanálise contemporânea”, “Pourquoi lês pulsions de destruction ou de mort?” e “Ilusions et désillusions Du travail psychanalytique” (2010).

Green faleceu em 22 de janeiro de 2012. Finalizo o percurso de sua vida com palavras de sua esposa, Litza Guttieres-Green:

“Depois do acidente vascular que o levaria embora, André foi progressivamente renunciando ao que o fazia viver. Até aquele momento, continuava pensando e escrevendo. Inicialmente, esperava se recuperar e voltar à ativa, retomar suas atividades. Ainda lia no hospital, debatia com seus visitantes e ouvia música. Eu me perguntava se ele tinha entendido que já não havia esperança de recuperação, de que ele retomasse seu trabalho: escrever e ensinar. Foi quando já não deu para continuar ele disse: “Chega!” Então a luz se apagou e ele se retirou do mundo dos vivos. Cabe-nos agora aceitar sua ausência e preferir seguir vivendo... por um certo tempo.” (Gutierrez-Green, 2012, p. 34)

2.2.

O conceito de trabalho do negativo

Talvez o conceito mais importante de toda sua obra tenha sido o trabalho do negativo, presente desde os primórdios da psicanálise, mas nunca amplamente estudado. Motivado pela preocupação com seus pacientes-limite, Green trouxe à tona mais uma vez, para o campo da clínica, a dualidade: pulsional x objetal. Para Green, a grande variável está no objeto, no trabalho do objeto que revela a pulsão. Cintra (2013) nos ensina que além do jogo pulsional que determina o funcionamento do paciente, será preciso levar em consideração a participação dos objetos primários, pois é justamente nesse ponto, quando os objetos fracassam, que se tornam invisíveis e inaudíveis, que encontramos o trabalho do negativo.

Green propõe que o trabalho do negativo esteja na base da atividade psíquica, não como um mecanismo de defesa, tal como proposto por Freud, em 1915, no texto “O recalque”, mas como um pré-requisito para o desenvolvimento psíquico, o que constituiu a originalidade de sua teoria. Green acredita em uma triangulação originária, numa estrutura edipiana deste os primórdios, já que a criança ocupa um lugar no Édipo dos pais e desenvolve o conceito de terceiridade como fundante do aparelho psíquico. A criança é inscrita nessa triangulação à medida que está ausente no coito dos pais, ausente da imaginária cena primária, como um terceiro excluído.

Segundo Santos e Zornig (2015), a triangulação; mãe, pai e criança está presente desde a origem do psiquismo. A relação triangular se torna evidente no

momento de formação da díade mãe-bebê, onde o pai se faz presente na figura da ausência: “o pai tem um lugar: ele está presente na mente da mãe, é o outro do objeto com que a criança se depara desde o início” (Santos & Zornig, 2015, p. 34). A existência de um terceiro impossibilita a satisfação completa da mãe com o bebê, que pode destacar-se de sua mãe enquanto sujeito. A presença-ausência faz desse terceiro negatizado estruturante psiquicamente, possibilitando que a mãe se torne um objeto que se deixa apagar: “o pai enquanto processualidade se insere nessa díade como negativo, como espaço potencial, imprescindível para o desencadear dos processos de simbolização primária” (Santos & Zornig, 2015, p. 38).

O movimento de deixar-se negatizar do objeto é de suma importância na estruturação psíquica, pois permite ao indivíduo adulto fazer novas identificações. Green nomeia de excorporação o processo de colocar o objeto para fora, de expulsão do trabalho do objeto, que culmina na separação e diferenciação do sujeito em relação ao objeto. Quando o trabalho de negatização do objeto não ocorre, o bebê permanece ligado ao excesso de estímulos, podendo ocasionar sentimentos de desprezo, indiferença, abandono e carências narcísicas e perversas. Quanto mais o objeto deixa-se apagar ou esquecer, mais o objeto fica ausentemente disponível, ou seja, existe uma qualidade de presença, que permite a metaforização e poderá ser substituído por outros objetos (Cintra, 2013).

Para Green, quanto mais o objeto se apaga, mais exerce suas funções constitutivas. É justamente na falha do objeto, na ausência, no fracasso, que o trabalho do negativo opera, abrindo espaço para o campo da simbolização, para a criatividade, fazendo do negativo estruturante psíquico. Desse modo, o trabalho do negativo encontra seu conceito em deixar o objeto apagar. Este foi o ponto de partida de Green no seu seminário sobre o negativo, ministrado no ano de 1988 no Instituto de Psicanálise de Paris, intitulado Seminário sobre o Negativo, e posteriormente publicado no livro “*Le travail du négatif*” (1993).

Sabemos que os estudos sobre o conceito do negativo de Green foram amparados na releitura da obra de Freud. Retomamos alguns textos de Freud na tentativa de elucidar a presença do negativo e sua representação.

2.3.

Algumas considerações sobre o negativo em Freud

Em “Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos” (1917 [1915]) aparece pela primeira vez uma referência ao negativo. Freud usa o termo “alucinação negativa” para se referir a um organismo primitivo, ainda desamparado que obtém as primeiras orientações do mundo através das percepções. Ao distinguir entre um estímulo que vem de fora ou de dentro, entendendo como fora o que é realidade e, dentro o que não é real. O autor postula que a alucinação, conteúdo investido no consciente através dos sonhos é negativa e não sucede de fora, mas sim de dentro, ocasionando o esforço de projetar para fora o que incomoda dentro: “quero acrescentar, a título de complemento, que uma tentativa de esclarecimento da alucinação deveria principiar não com a alucinação positiva, mas com a negativa” (Freud, (1917 [1915]), p.165).

É a partir da separação do objeto, no movimento de deixar-se apagar da mãe que o objeto pode constituir-se alucinadamente no psiquismo do indivíduo. Green nomeia de alucinação negativa o movimento do objeto de permanecer negativado, proporcionando um espaço intrapsíquico vazio, possibilitando ao infante investir narcisicamente. Para Santos e Zornig (2015): “ao se deixar apagar, o objeto primordial se torna, então, estrutura enquadrante, o solo psíquico para o nascimento do eu” (p.40).

No texto “Luto e Melancolia” (1917[1915]) Freud diferencia o trabalho de luto da estrutura melancólica e relata que, a princípio, a perda do objeto pode ter fontes variadas, como: perda de uma pessoa amada, de um lugar, de liberdade, de um ideal. Tanto no luto, quanto na melancolia “há uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atitude” (Freud, 1917, p.172). Essas referências podem ser encontradas em ambos, mas há uma especificidade na melancolia, pois somente nela a perda da autoestima é encontrada. Freud elucida que o trabalho do luto consiste em trazer para realidade a perda desse objeto, aceitar a inexistência do objeto força o sujeito a retirar a libido investida nele e destiná-la a outro lugar. A retirada da libido investida no objeto é gradual, pouco a pouco o sujeito pode se desligar do objeto, voltar à

libido para si, reinvestindo no Eu, e ficar livre para tornar a investir em um novo objeto.

Na melancolia também encontramos a perda de um objeto, mas mais ainda a perda de um ideal. No luto o objeto perdido é consciente, já na melancolia o objeto perdido é idealizado e inconsciente, “no luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio Eu” (Freud, 1917, p.176). O Eu está acometido de uma perda de investimento objetal, recrimina-se, considera-se incapaz, desprezível e indigno; merecedor de castigo e rejeição. O enlutado não deixa revelar a vergonha que tem de si, já o melancólico apresenta uma satisfação em demonstrar o seu estado; as auto acusações do melancólico são de fundo narcisista, pois tudo de desabonador que falam de si se refere à outra pessoa.

Green propõe o trabalho do negativo no objeto que se deixa apagar. Considerando a sua releitura da obra Freudiana, encontramos no trabalho de luto a necessidade de deixar-se apagar do objeto para aludir à possibilidade de investimento em outro objeto. Já na melancolia o objeto perdido é o próprio eu, é a falta de investimento objetal. Para Trachtenberg (2013) a imago de uma depressão materna sucumbe na constante sensação de vazio desses sujeitos. O desinvestimento materno deixa marcas no inconsciente do bebê, em forma de “buracos psíquicos”, reinvestidos de destrutividade.

“O bebê, além de sentir a perda do amor da mãe, vivencia uma perda de sentido, pois tivera uma mãe que o investira libidinalmente e que, sem que ele entenda o porquê (já que é uma depressão que a mãe vivencia), deixa de investir nele. Há uma identificação primária com a “mãe morta” e a transformação da identificação positiva em identificação negativa, ou seja, identificação com o buraco deixado pelo desinvestimento, e não com o objeto” (Trachtenberg, 2013, p.165).

O conceito cunhado por André Green de mãe morta esclarece o processo que se dá a partir da ausência sobre o fundo de presença – o trabalho do negativo. O envelope psíquico esvaziado, mortificado, emprestado do objeto, constitui para o sujeito a estrutura enquadrante de sua psique, definindo que se dê uma identificação com essa mãe morta libidinalmente, decorrendo daí a sensação do vazio (Green, 1988).

Green (1980) esclarece que gira em torno dos problemas do luto a diferença das análises atuais para as de outrora. Freud considera a perda do objeto

como um trabalho de elaboração de luto, já Green considera que o luto acontece na presença do objeto, mesmo que absorto num vazio:

“A mãe, por uma razão ou outra se deprimiu. A variedade dos fatores desencadeantes é muito grande. É claro que entre as principais causas dessa depressão materna, encontramos a perda de um ser querido: filho, parente, amigo próximo, ou qualquer outro objeto fortemente investido pela mãe. Mas pode tratar-se também de uma depressão desencadeada por uma decepção que inflige uma ferida narcísica: infortúnio na família nuclear ou na família de origem, ligação amorosa do pai que abandona a mãe, humilhação, etc... Em todos os casos, a tristeza da mãe e a diminuição do interesse pela criança estão em primeiro plano” (Green, 1988, p.247).

A teoria psicanalítica descreve a perda do objeto como um momento estruturante no psiquismo do infante, já Green pondera a ausência como estruturante e o excesso de presença do objeto como patológico. Para elucidar o desenvolvimento do conceito de negativo em Green, no objeto que se deixa apagar, retomamos o texto de 1920, “Além do princípio do prazer”, o qual Freud apresenta o novo dualismo pulsional: pulsão de vida x pulsão de morte. Green (1993) utilizou o conceito de pulsão de morte como base para desenvolver o conceito de trabalho do negativo e trouxe à tona o estruturante psíquico da presença na ausência. O primeiro par pulsional: pulsões de autoconservação X pulsões sexuais, Freud desenvolve nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), quando esclarece que o bebê apresenta um prazer sexual no momento do mamar e ao mesmo tempo conserva a vida no ato de se alimentar. O segundo par pulsional ocorre em 1914, com “Introdução ao narcisismo”, quando Freud esclarece que a libido pode ligar-se a vários objetos e obter satisfação: pulsões do Eu X pulsões do objeto. O terceiro e mais importante par pulsional Freud revela em 1920: pulsão de vida X pulsão de morte, pulsões que estão amalgamadas e quando se separam causam o aniquilamento do sujeito.

A partir da segunda tópica, Freud (1920) descreve que a tarefa do aparelho psíquico seria dominar o prazer-desprazer sexual, mas que existe uma tarefa mais primeva que esta, o domínio do trauma através da pulsão de morte. Para Freud (1926), o trauma é anterior ao desprazer. A angústia automática produzida enquanto o Eu não está constituído é uma angústia primitiva de medo do abandono, do desamparo, trata-se de uma angústia do vazio. O conceito de negativo na obra de Green está ligado ao conceito de pulsão de morte em Freud, sendo que Green (1988) não defende a ideia de uma função autodestrutiva

expressa primitivamente e automaticamente. Para Green, a forma de destruição está imbricada na desintração das duas pulsões. A pulsão de vida tem como meta o prazer, sem se afastar do desprazer; já a pulsão de morte visa eliminar a tensão energética, tenta reduzir à zero, busca minimizar toda fonte de perturbação. Assim, “a meta da pulsão de morte só pode expressar-se de maneira indireta. Não se satisfaz nem com um objeto nem com um ato particular, mas com um estado que só pode ser definido negativamente, um estado onde nenhuma perturbação intervém” (Rechartd, 1988, p.44). Green revela que na clínica contemporânea a desintegração do eu está presente nas formas graves de depressão seguida de suicídio e nas psicoses, “saber o que foi dissociado, por que, de que maneira e como é possível conseguir uma integração é uma tarefa constantemente presente no trabalho e na pesquisa psicanalítica (Rechartd & Ikonem, 1988, p. 77).

Em “A negação” (Freud, 1925) entendemos que é através do negativo que o conteúdo representativo abre caminho até a consciência. A negação é uma forma de um conteúdo recalcado tornar-se independente e se fazer existir no consciente. Freud exemplifica com a vinheta de um paciente: “o senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe não é” (Freud, 1925, p. 19). Sabemos que o registro do *não* é incompatível com o inconsciente, então com a negação “essa mulher que aparece no meu sonho não é minha mãe”, a negação seria uma maneira de aceitar e permitir que o conteúdo inconsciente entre na consciência. Outro exemplo encontrado neste texto diz respeito ao reconhecimento do inconsciente pelo viés negativo: “nisso eu não tinha pensado (nunca)” (Freud, 1925, p. 29).

Para Green (1988), encontramos na negação o mais primevo das moções pulsionais – a pulsão oral – momento que estabelece no sujeito a fronteira entre o eu/não-eu. Freud (1925) pontua que a polaridade da afirmação/negação parece corresponder à dualidade pulsional: “a afirmação como substituto de Eros; a negação, sucessora da expulsão, à pulsão de destruição” (p. 27).

Outro movimento dualista apresentado no texto “A negação” (1925), diz respeito ao interno/externo. Existe no sujeito uma representação interna da percepção, e ela garante a capacidade do sujeito voltar a ter essa representação sem que o objeto realmente necessite estar presente. Essa foi a base de Green para

desenvolver o conceito do trabalho do negativo que trata de uma presença na ausência. Sendo uma vez representado psiquicamente, o objeto não precisa estar presente para existir, ele pode existir ausentemente. A partir da presença-ausência, propomos observar como decorre a transmissão psíquica entre gerações e o que há de patológico na transmissão do negativo.

3

A transmissão psíquica entre gerações

3.1.

O conceito de transmissão psíquica

Segundo Kaës (2001), a questão da transmissão aparece em diferentes territórios e todos têm por objeto a neurose: transmissão intrapsíquica, transmissão intersubjetiva e transmissão transpsíquica. Na transmissão intrapsíquica o que se transmite são conteúdos oníricos. Essa passagem ocorre do estado de vigília para o sonho e consegue ultrapassar a barreira do inconsciente para o pré-consciente, e do pré-consciente para o consciente. Na transmissão intersubjetiva algo do grupo familiar é transmitido, ocorre *entre* as gerações, de pai para filho. Já que a família precede o sujeito e esse é constituído sempre a imagem de um outro, são transmitidos os investimentos narcísicos dos pais, os laços de identificações, as separações, as interdições, as relações entre os sujeitos e a estrutura psíquica. Na transmissão transpsíquica o que se transmite através dos sujeitos é algo não simbolizado, transmite-se sem saber que está sendo transmitido. É uma transmissão sem palavras, sem lugar, uma passagem direta de um psiquismo para outro, trata-se de uma transmissão que ocorre *através* das gerações – transgeracional.

Kaës (2001) sustenta que a transmissão se organiza a partir do negativo: “o narcisismo da criança apoia-se sobre a falta na realização dos sonhos de desejo dos pais” (Kaës, 2001, p. 20). O sujeito humano já está inserido no conjunto intersubjetivo mesmo antes de nascer. Freud (1914) pontua em “Introdução ao narcisismo” que, no momento da concepção do sujeito é criado no psiquismo dos pais um espaço para o bebê; lugar de transmissão de expectativas de realização de desejos insatisfeitos dos pais. O desejo inconsciente não remete somente aos conteúdos que sofreram recalque, sendo constituído por representações que já foram conscientes, mas conteúdos que nunca chegaram à consciência, permanecendo irrepresentável por meio de palavras. Essa transmissão maligna do narcisismo dos pais irrepresentável, que passa para o bebê como um fantasma, na forma de conteúdos negativados, pode ser resultado de um luto falho, “o fantasma

é uma formação do inconsciente que tem a particularidade de nunca ter sido consciente; ele é produto da passagem do inconsciente de um dos pais ao inconsciente de um filho (Trachtenberg, 2013, p. 158).

De acordo com Garcia e Penna (2010), a transgeracionalidade aponta para um fracasso na transmissão intergeracional, quando conteúdos psíquicos não elaborados da mente dos pais são transmitidos para o psiquismo dos filhos, em estado bruto. Na transgeracionalidade, aspectos negativados, não simbolizados, são transmitidos através das gerações, implicando na dificuldade de elaboração por parte dos sujeitos e trazendo diferentes sintomas para a clínica.

Para Inglez-Mazzarella (2006) torna-se importante salientar que a transmissão da herança psíquica pode ocorrer em termos de uma continuidade ou de uma ruptura. A autora defende que toda a vida psíquica pode ser transmitida, como: afetos, mecanismos de defesa, sintomas, traumas. Esses conteúdos podem ser transmitidos de forma consciente ou inconsciente, através de mediações verbais ou não-verbais e, atenta para a possibilidade de um trabalho de apropriação na transmissão. Os conteúdos transmitidos podem ser elaborados e transformados, permitindo que o sujeito aproprie-se do herdado e transmita para as próximas gerações algo simbolizado, em forma de uma transmissão intergeracional.

Há sempre algo sendo transmitido. Para Baranes (2001), se existe no sujeito a presença de outros no eu, existe sempre uma transmissão transgeracional ocorrendo. O sujeito carrega essas transmissões em estado bruto, faz parte de sua subjetividade. Conteúdos traumáticos, segredos, mortes são repassados através de gerações sem elaboração, apresentando sintomas nos sujeitos que os carregam. Abraham e Torok (1995) nomearam de cripta os conteúdos impossíveis de simbolizar. Trata-se de um terreno fértil para a transmissão transgeracional, onde o passado e o presente não se diferenciam, ocorrendo à impossibilidade de elaborar o conteúdo incriptado.

“por menos segredos que tenham seus pais, eles lhes transmitirão uma lacuna no próprio inconsciente, um saber não sabido, uma *nesciência*, um objeto de um recalçamento em processo. Um dizer enterrado se um dos pais se torna para a criança um morto sem sepultura. Esse fantasma retorna, então, a partir do inconsciente e vem assombrar, introduzindo fobias, loucuras, obsessões. Seu

efeito pode até chegar a atravessar gerações e determinar o destino de uma raça” (Abraham & Torok, 1995, p.278).

Nos deparamos com o negativo da transmissão, algo que está fora do trabalho de elaboração e, nesse sentido prosseguimos no próximo capítulo, verificando a possibilidade de patologias transmitidas através da transmissão transgeracional.

3.2.

A possibilidade de patologia transmitida através do trabalho do negativo

Green (1993) fala de um negativo normal e um patológico. O primeiro visa proteger o aparelho psíquico através dos mecanismos de defesa, recalque na neurose. O momento patológico visa o desinvestimento no mundo objetal. Green nomeia esse processo de função desobjetalizante, contrária a pulsão de vida e marcada pela pulsão de morte, visa o desinvestimento ou o desligamento do objeto. O movimento de desinvestimento e recusa do objeto pode ser encontrado no mecanismo de defesa de forclusão na psicose e desmentido na perversão, “manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento, neste sentido, as manifestações destrutivas da psicose estão muito menos ligadas à identificação projetiva do que àquilo que a acompanha ou a sucede, o empobrecimento do eu entregue ao desinvestimento” (Green, 1988, p.60).

Trachtenberg (2013) discorre sobre a transmissão psíquica transgeracional e os aspectos negativados do psiquismo dos pais sobre o psiquismo dos filhos. O que é transmitido geracionalmente não diz respeito somente a desejos inconscientes que sofreram recalque, ou representações verbais que já foram conscientes, mas por aquilo que nunca chegou a ser consciente – algo do indizível.

Trachtenberg (2013) faz uso dos estudos de Missenard (1991) que algo do não representável se situa no núcleo do psiquismo inicial, uma transmissão entre mãe e bebê. Conteúdos não simbolizados da mãe são transmitidos para o bebê como traumas, perturbações mentais de gerações anteriores, em citação de

Missenard: “o que não está, o que falta, o que é negado, reprimido, forcluído, é o que se transmite: a tara de um antepassado, o suicídio de outro se mantêm ocultos, se silenciam. Os pacientes pagam o preço da transmissão silenciosa desse negativo que anda, desses espectros que perduram e regressam” (Trachtenberg, 2013, p.65).

Kaës (2014) ressalta que a transmissão do negativo acontece a partir do que falha, da falta, da ausência de representação. Com base no negativo, as alianças podem ser pensadas a partir do negado e rejeitado nas relações, e essa transmissão negativada é sustentada pelo que Kaës denominou de pacto denegativo. O pacto denegativo tem uma função metadefensiva de resolução de conflitos intrapsíquicos e relacionais. O pacto denegativo contém duas polaridades: organizador do laço (face positiva) e defensivo (face negativa). A face organizadora retrata os investimentos mútuos, as identificações, as crenças e ideais; já a face defensiva fala das rejeições, dos recalcamientos, dos apagamentos (Trachtenberg, 2013, p. 155). Na face defensiva do pacto denegativo são criadas zonas de silêncio, um conjunto de transmissões não significáveis e não transformáveis – as criptas. O termo cripta cunhado por Abraham e Torok (1995) denomina um espaço psíquico destinado às perdas narcísicas não elaboradas, que não puderam ser simbolizadas como perdas:

“todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas, serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda (Abraham & Torok, 1995, p. 249).

A fala muda, inaudível, silenciosa de conteúdos que nunca chegaram a ser conscientes, tem sua reedição na transferência e contratransferência. Faimberg (2001) forja o conceito de telescopagem de gerações, o qual apresenta uma superposição de conteúdos inconscientes. A falha do trabalho do negativo aparece na transmissão de conteúdos de uma geração para outra, sem espaço psíquico para ausência, elaboração e diferenciação. A autora relembra a importância do analista em suportar esse “não-saber” e de “nem mesmo saber que não sabe”:

“Sobre esse fundo de angústia e de desconhecimento, aparece algo inédito na história do paciente que permita resolver um enigma suscitado pela transferência, é então, e somente então, que temos a certeza clínica de que essa história é parte constitutiva do psiquismo do paciente” (Faimberg, 2001, p. 76).

Trachtenberg (2013) pontua que durante um enquadre rigoroso na sessão, pode fazer emergir conteúdos inconscientes alienantes, que pode condensar três gerações “que se encaixam entre si, uns dentro dos outros, como as bonecas russas” (p.174). A autora elucida que tentando proteger à criança, os pais falam ou calam. São esses conteúdos narcísicos e silenciosos, fruto da telescopagem de gerações, que perdem o acesso a elaboração no psiquismo.

Para Inglez-Mazzarella (2006) o que é transmitido no negativo são: denegado, forcluído e recusado. A autora, citando Missenard, questiona a necessidade de até três gerações para que se constitua uma psicose, o que foi denegado por um dos genitores pode ser transmitido em forma de delírio para o filho ou incluir o filho no delírio. Nessa leitura a falha, algo do não simbolizado perpassa as gerações até desencadear a psicose em uma geração futura, como uma herança psíquica. O que é impossível de simbolizar, nem na palavra, nem na escrita pode ser transmitido e reaparece na psicose.

Enriquez (2001) baseia seus estudos clínicos acerca dos danos psíquicos sofridos na psicose dos pais recaírem sobre os filhos; “esses pais de crianças de pouca idade, tinham incluído ou continuavam incluindo estas últimas em seu delírio, fazendo delas a testemunha, o aliado, o cúmplice, ou até mesmo o destinatário de sua atividade delirante” (Enriquez, 2001, p.95). Nesse sentido, a autora propõe a *psicose como herança*, já que o filho está incluído no delírio do genitor. Enriquez (2001) revela que a transmissão de delírio ao filho ocorre quando ele é colocado na posição de “duplo narcísico”, quando o filho ocupa a mesma posição que o pai ocupou em relação à geração anterior. Nessa posição, ao mesmo tempo em que o pai é portador da morte, ele é o suporte de uma possível imortalidade revivida no delírio. Outra forma de transmissão de delírio ao filho é quando esse toma um lugar entre as gerações e se torna uma ameaça de morte ao genitor. “Creio que há, em todos os psicóticos (e talvez não só neles), uma impossibilidade absoluta de assumir o risco de uma descendência, que possa ser portadora do mesmo e do outro. Para o psicótico, toda descendência contém uma ameaça real, e não só fantasmática, de destruição” (Enriquez, 2001, p.110).

4

Considerações Finais

“A psicanálise de família, de casal e de grupo levaram-nos a descobrir questões teóricas e práticas que superam as teorias concebidas para compreender o funcionamento de um aparelho psíquico chamado individual” (Puget, 2000, p.73).

Articulando os conceitos desenvolvidos por Freud e Green com a transmissão psíquica inter/transgeracional, podemos pensar que esses autores, muitas vezes, forjam seus conceitos baseados na situação atual que se encontram ou que vivenciam. Especulações levantam a hipótese de Freud ter cunhado o conceito de pulsão de morte, em 1919, envolvido por uma visão pouco confiante a respeito da vida. Neste momento, Freud deparava-se com o envelhecimento, estava acometido pelo câncer, havia perdido sua filha e neto e, na troca de correspondências com o amigo Fliess, permitiu pensar em uma suposta data para sua morte (Green, 1988).

Em Green podemos pensar que a falta de investimento libidinal materno o levou a cunhar o conceito de mãe morta. Green, que nascera tardiamente, tinha o olhar da mãe voltado para a irmã quinze anos mais velha, acometida por uma doença. A mãe que estava presente corporalmente não estava presente libidinalmente. Tanto Freud como Green encontraram seu investimento libidinal, pulsão de vida, nos estudos psicanalíticos. Freud foi movido pelo interesse em concretizar a obra psicanalítica e Green voltava seu interesse aos pacientes-limite, que o impulsionavam a repensar e aprimorar a prática psicanalítica.

Considerando que a pulsão de morte busca sempre a tendência zero – Princípio do Nirvana – o vazio, encontramos na clínica falas como: “estou cansado”, “para quê?”, “não posso mais continuar”, “não quero”, “isso não serve para nada”, “gostaria que tudo isso parasse”, “estou impaciente”, etc... Dominados pela pulsão de morte, esses afetos; angústia, raiva, ódio, aversão, vergonha,

inveja, culpa, apatia, vazio, tédio, etc. estão ligados ao narcisismo e as relações objetais, durante os processos precoces do desenvolvimento e podem ser encontrados de forma permanente na estrutura psíquica dos indivíduos (Rechart & Ikonem, 1988).

O barulho da pulsão de vida e o silêncio da pulsão de destruição que ninguém escuta, cabe a nós psicanalistas escutar. Cabe aos psicanalistas contemporâneos auxiliar na formação de sons e sinais, para tornar dito os não-ditos, fazer-se barulhentos, fazê-los representar. “Ao compreender esses sintomas como formas de comunicação, cabe ao analista decodificá-los, restituindo ou construindo sua dimensão representacional. Deslocar do corpo, do silêncio ou da atuação é a possibilidade de introduzir a dramática no campo das palavras” (Inglez-Mazzarella, 2006, p. 75).

O trabalho em análise constitui a reconstrução de aspectos negativados que constituíram outrora a clivagem. Cabe ao analista auxiliar no processo de simbolização, como um possível terceiro nesse relacional, metabolizar os significantes impregnados de vazio, cabe nomear a impossibilidade, “nomear o impossível é inscrever a possibilidade do saber e reconhecer os limites do representável” (Inglez-Mazzarella, 2006, p. 162).

A escuta pelo analista da transmissão geracional narrada por seu analisando permite, muito além de um levantamento histórico, possibilita escutar nas entrelinhas o não-dito, o silêncio, o indizível. Trazendo à tona elementos da cadeia geracional possibilita a família pensar nas questões dos antecedentes, ressignificar memórias, elaborar traumas e quiçá interromper a cadeia de repetições.

5

Referências Bibliográficas

ABRAHAM, N. & TOROK, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

BARANES, J.J. **Tornar-se si mesmo: avatares e lugar do transgeracional**. KAËS, R. *et al.* In: *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CINTRA, E.M.U. **André Green e o trabalho do negativo**. Percurso: Revista de Psicanálise. Ano XXV, nº 49/50. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2013 (Pag. 65-76).

DELOUYA, D. **O negativo, sua construção e sua origem**. Percurso: Revista de Psicanálise. Ano XXV, nº 49/50. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2013 (Pag. 77-82).

DUPARC, F. **André Green: Psicanalistas de hoje**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2000.

ENRIQUEZ, M. **O delírio como herança**. KAËS, R. *et al.* In: *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FAIMBERG, H. **A telescopagem das gerações. A propósito da genealogia de certas identificações**. KAËS, R. *et al.* In: *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____, H. **Escuta da telescopagem das gerações: pertinência psicanalítica do conceito**. KAËS, R. *et al.* In: *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Obras Completas vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____, S. (1914) **Introdução ao narcisismo**. Obras Completas vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, S. (1915) **A repressão**. Obras Completas vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, S. (1917[1915]) **Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos**. Obras completas vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, S. (1917[1915]) **Luto e Melancolia**. Obras completas vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, S. (1920) **Além do princípio do prazer**. Obras completas vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, S. (1925) **A negação**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____, S. (1926) **Inibição, sintoma e angústia**. Obras completas vol. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

INGLEZ-MAZZARELLA, T. **Fazer-se Herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**. São Paulo: Escuta, 2006.

KAËS, R. **Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud**. KAËS, R. et al. In: *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____, R. **Figuras e modalidades do negativo nas alianças inconscientes: o pacto denegativo**. KAËS, R. In: *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

GREEN, A. **Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante**. GREEN, A. In: *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

_____, A. (1973) **O gênero neutro**. GREEN, A. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

_____, A. (1980) **A mãe morta**. GREEN, A. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

_____, A. (1982) **Posfácio – O eu, mortal-imortal**. GREEN, A. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

- _____, A. (1993) **El trabajo de ló negativo**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- GUTTIERES-GREEN, L. **Envelhecer, morrer**. Percurso: Revista de Psicanálise. Ano XXV, nº 49/50. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2013 (Pag. 31-34).
- MEYER, L. **Família: dinâmica e terapia. Uma abordagem psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- PUGET, J. **Disso não se fala...transmissão e memória**. CORREA, O. *In: Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000.
- RECHARDT, E. **Os destinos da pulsão de morte**. GREEN, A. *In: A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- _____, E. & IKONEM, P. **Sobre a interpretação da pulsão de morte**. GREEN, A. *In: A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- SANTOS, N.D.G. & ZORNIG, S.M.A. **O objeto que se deixa apagar: a função do negativo na constituição psíquica**. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro V. 47.2, 2015 (P. 29-44).
- TRACHTENBERG, A.R.C. **O negativo e as transmissões transgeracionais**. *In: TRACHTENBERG, A.R.C. et al. Transgeracionalidade de Escravo a Herdeiro: um destino entre gerações*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- ZORNIG, S.M.A. **Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade**. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro V.42.2, 2010 (p. 453-470).